

## UM LIVRO VALIOSO

*Sânzio de Azevedo*

Não é sempre que um escritor, figura de destaque em seu Estado, tendo vivido vários anos na Capital do país, em contacto com alguns dos maiores vultos de sua cultura, resolve, aos 70 anos de idade, reunir páginas de reminiscências escritas em épocas diversas e enfeixá-las em livro.

Pois foi o que o poeta e romancista Antônio Sales (1868 – 1940), um dos mais importantes escritores do Ceará, fez, ao reunir, neste livro, trinta e quatro artigos em que focaliza figuras de sua terra e também do Rio de Janeiro, centro maior da intelectualidade brasileira de então, onde residiu por muitos anos.

São textos que apareceram primeiro na imprensa, e é pena que somente cinco deles tragam data, mas ainda assim ficamos sabendo que abrangem um vasto período, pois o mais antigo é de 1901, e o mais recente, de 1937, sendo que o livro, *Retratos e Lembranças*, é de 1938. Há um texto de 1910, outro de 1920 e ainda um de 1925.

Desfilam pelas páginas desse volume figuras de nossa terra, como Juvenal Galeno, Lívio Barreto, Álvaro Martins, José Carlos Júnior, Roldolfo Teófilo, Waldemiro Cavalcânti, Antônio Bezerra, Mário da Silveira e, entre outros, Antonele Bezerra, todos residentes aqui, e os cearenses que viviam no Rio: Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Heráclito Graça, João Lopes e Domingos Olímpio.

Além dessa plêiade de escritores, são focalizados, num precioso depoimento, Machado de Assis, José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça, Visconde de Taunay, Alberto de Oliveira, Artur Azevedo, Inglês de Sousa, João Ribeiro, Coelho Neto, Graça Aranha e outros. Curioso é, segundo nos mostra o escritor cearense, o pacífico

relacionamento entre o republicano radical Lúcio de Mendonça e os monarquistas Nabuco e Taunay.

É interessante o artigo em que Sales relembra a visita de Raimundo Correia a Fortaleza em 1894, bem como aquele em que narra como descobriu, em Minas Gerais, um poeta: Belmiro Braga, este último hoje não muito conhecido, mas que teve seu período de relativa fama em seu tempo.

Domício da Gama, contista, Teixeira Mendes, líder positivista, Manoel Victorino, orador e jornalista, M. Said Ali, filólogo, Medeiros e Albuquerque, polígrafo, além da figura portentosa de Rui Barbosa, mereceram capítulos nesse livro de recordações.

Abre o volume uma bela reminiscência da Padaria Espiritual, testemunho valioso quanto a alguns aspectos da agremiação idealizada pelo escritor e que, por sua originalidade, transpôs fronteiras, e foi o grêmio cultural mais importante do século XIX em nossa terra.

É verdade que Leonardo Mota, ainda em vida de escritor, chegou a constatar que, “ao termo de quarenta e seis anos dêis que a ‘Padaria’ foi fundada, a memória do Sales já o traiçoa”,<sup>12</sup> daí enganos como chamar de Francisco Sá a Luís Sá, ou atribuir a José Maria Brígido o “nome de guerra” José Marbri, que era na verdade de Raimundo Teófilo de Moura.

De nossa parte, notamos que Sales chamou de *Contos Sertanejos* os *Perfis Sertanejos* de José Carvalho, e apontou como o primeiro “padeiro” falecido X. de Castro (1858 – 1895), quando Joaquim Victoriano havia deixado o mundo em 1894. Diga-se de passagem que Leonardo Mota incorreu no mesmo engano.

Revele-se que, por amor à verdade, não concordamos com o que o notável escritor diz, no texto sobre Juvenal Galeno, ao se referir aos *Prelúdios Poéticos* que, para ele, nem eram românticos nem continham nada que prenunciasse os seus poemas de cunho popular. Pelo emprego de termos como “Suponho” e “Tenho mesmo motivos”,

---

12 MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: Edésio, 1938, p22.

quer-nos parecer que o poeta dos *Versos Diversos* não chegou a ler o primeiro livro de Galeno.<sup>13</sup>

Isso, porém, não diminui o valor dos *Retratos e Lembranças*, obra em que o autor conta como assistiu, na então Capital Federal, na redação da *Revista Brasileira*, ao nascimento da Academia Brasileira de Letras, da qual não foi um dos membros porque realmente não quis.

Os retratos de escritores aqui debuxados revelam, em Antônio Sales, um artista que sabia flagrar com segurança os momentos que haveriam de interessar aos pósteros.

Quem percorrer as páginas de *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*, de Luiz Edmundo, há de encontrar várias referências ao escritor cearense, inclusive uma, não muito breve, falando do *Correio da Manhã*, e que começa assim:

Antônio Sales, recém-chegado do Ceará, com um grande nome literário é quem primeiro dirige a seção Pingos e Respingos, que então se lança com o maior sucesso. As suas charges políticas fazem tremer de medo os homens da administração e do governo.<sup>14</sup>

Conhecendo o clima de mesquinhez e de rivalidade que reinava na vida literária fortalezense de então, o autor de *Minha Terra* diz, na abertura do livro, que desejou apenas “pintar alguns semblantes e alguns aspectos de nossa vida intelectual”, mas, segundo suas palavras, “sem aspirar aos louvores, que ninguém precisa perder tempo em me negar, pois já estou de antemão resignado a não merecê-los”.

Apesar de, modestamente, dizer, no mesmo texto, que nessa vida intelectual desempenhou “um papel de diletante obscuro mas honesto”, o que se vê, daquelas palavras de Luiz Edmundo, é que Antônio Sales não brilhou apenas entre os intelectuais de nossa terra, mas marcou época também na então Capital Federal.

---

13 Ver o que dizemos em “Romantismo e Regionalismo no livro de estréia de Juvenal Galeno”, em *Aspectos da Literatura Cearense* (1982)

14 EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. v. 5, p.1040.